**A trágica e teatral guerra no Oriente Médio. Entrevista especial com Paulo Visentini**

Segundo o professor, para melhor compreender os atuais confrontos entre Israel e o Hamas, é preciso recuar no tempo, observar os desfechos da Guerra Fria e os vácuos de poder surgidos neste complexo jogo geopolítico

A polarização dos debates destes nossos tempos das **redes sociais digitais** é um dos principais entraves para que se compreendam mais profundamente os [conflitos no Oriente Médio](https://www.ihu.unisinos.br/categorias/633084-israel-e-as-reconfiguracoes-no-oriente-medio-entrevista-com-ezequiel-kopel) e a atual guerra que temos visto. Para o professor **Paulo Visentini**, o teatro de horrores na [Faixa de Gaza](https://www.ihu.unisinos.br/634026) é a ponta de um complexo *iceberg* de tramas geopolíticas. Por isso, antes de sentenciar qualquer opinião, ele esclarece: “os conflitos do Oriente Médio não possuem fundamentos religiosos ou étnicos, pois sua base histórica é a construção dos Estados Nacionais na região, em função do desmembramento do Império Turco Otomano no fim da I Guerra Mundial”.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail ao **Instituto Humanitas Unisinos – IHU**, **Visentini** classifica a [guerra entre Israel e o Hamas](https://www.ihu.unisinos.br/633529-o-porque-da-guerra-entre-o-hamas-%20palestina-e-sinonistas-israel-artigo-de-jacir-de-freitas-faria) como “trágica e, ao mesmo tempo, teatral”. “As **Relações Internacionais** são constituídas por imagens e percepções, e a guerra é a continuação da política por outros meios”, analisa. E detalha: “com o fim da **Guerra Fria**, houve a ilusão de que os **EUA**haviam ‘vencido’, podendo reafirmar sua presença na região. Hoje, se verifica que suas iniciativas eram ações táticas, sem estratégia consistente, e no **Iraque**, **Síria** e **Afeganistão** houve derrotas, que levaram **Washington** a refluir da região para se concentrar contra a **China**”.

Além disso, o professor lembra que após a Guerra Fria “criou-se um vazio de poder, sem a prioridade das grandes potências, levando as potências médias da região a disputar o espaço, por razões de segurança, despontando três países não árabes: **Israel**, **Turquia** e **Irã**”. “As Revoluções Coloridas da [Primavera Árabe](https://www.ihu.unisinos.br/categorias/186-noticias-2017/574713-sete-anos-de-frustracao-desde-a-eclosao-da-primavera-arabe) destruíram ou enfraqueceram os regimes progressistas, mas a presença econômica da **China** na região e militar da **Rússia** na **Síria** criaram uma nova realidade. Ou seja, cada tentativa de ‘finalizar a História’ é sucedida por sua retomada em nível mais elevado”, explica.

**Visentini** também destaca a importância de romper com esse debate visceral das redes. É só assim que, minimamente, poderemos compreender o que se passa. E não adianta nos agarrarmos a conceitos que nos chegam como comida enlatada. É o caso do conceito de **terrorismo**. “O uso e abuso do conceito de terrorismo perturba a iniciativa dos estrategistas, assim como outros conceitos que se apoiam numa narrativa política manipulativa e sem concretude”, adverte o professor.



**Paulo Gilberto Fagundes Visentini** (Foto: Câmara dos Deputados)

**Paulo Gilberto Fagundes Visentini** é professor titular de Relações Internacionais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Atua na pós-graduação em Ciência Política da UFRGS e em Ciências Militares na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército – ECEME. Realizou pós-doutorado em Relações Internacionais pela London School of Economics e pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – ePUC-Rio. É doutor em História Econômica pela Universidade de São Paulo – USP, mestre em Ciência Política e graduado em História, ambos pela UFRGS.

Leciona no Núcleo de Pesquisa em Relações Internacionais da USP, Universidade de Cabo Verde, Instituto Superior de Relações Internacionais, em Moçambique, e Universidade de Veneza, na **Itália**. O professor está lançando o livro “**O pensamento autoritário brasileiro e a crise mundial**” (Porto Alegre: Leitura XXI, 2023).

**Confira a entrevista.**

**IHU – O que é fundamental saber sobre os conflitos no Oriente Médio antes de chegarmos ao atual conflito entre Israel e o Hamas?**

**Paulo Visentini –** Os [conflitos do Oriente Médio](https://www.ihu.unisinos.br/570324) não possuem fundamentos religiosos ou étnicos, pois sua base histórica é a construção dos Estados Nacionais na região, em função do desmembramento do **Império Turco Otomano** no fim da **I Guerra Mundial**. Os responsáveis originais pelos problemas atuais foram a **Inglaterra** e, secundariamente, a **França**.

A posição geopolítica da confluência de três continentes e da ligação entre dois oceanos, evitando contornar a **África**, a perseguição à comunidade judaica na **Europa** (que buscou refúgio nas terras ancestrais) e a crescente importância do petróleo, tornaram o problema muito mais complexo. Embora o conflito [Israel-Palestina](https://www.ihu.unisinos.br/633813) seja dominante na narrativa sobre a região, ele não é o principal, apesar da dimensão humanitária que envolve.

***Os conflitos do Oriente Médio não possuem fundamentos religiosos ou étnicos – Paulo Visentini***

O principal, desde 1953 (com a ascensão do **nasserismo** e, depois, do **baatismo pan-árabe**), é o conflito entre regimes árabes republicanos, laicos, modernizadores e socializantes e as monarquias absolutistas socialmente conservadoras, especialmente as ricas petromonarquias. Ou seja, a diplomacia regional era triangular: os **EUA** e a **Europa** apoiavam **Israel** e os monárquicos árabes, contra os republicanos laicos. Houve mais guerras interestatais e civis entre os dois últimos do que os breves e localizados conflitos entre Israel e os vizinhos. As monarquias passaram, gradativamente, a fomentar e apoiar sua legitimação em um islã sunita politizado (que é uma faca de dois gumes) contra os árabes modernizadores.

A mudança do **Egito** em 1973, que se aproximou dos **EUA** e de **Israel** (**Acordos de Camp David**), e a [Revolução Iraniana](https://www.ihu.unisinos.br/595671) (xiita, mas republicana) em 1979, alteraram a geopolítica local. A **URSS**, já enfraquecida na região, dez anos depois (sob **Gorbachov**) cortou a ajuda aos árabes progressistas e normalizou sua relação com **Israel** e com os **árabes pró-Ocidente**. Todavia, há que constatar que, sociologicamente, os países muçulmanos estão avançando na via da modernização, como analisou o historiador e demógrafo francês [Emmanuel Todd](https://www.ihu.unisinos.br/625841-a-terceira-guerra-mundial-comecou-entrevista-com-emmanuel-todd).

**IHU – Que leitura faz do atual conflito?**

**Paulo Visentini –** A guerra atual é trágica e, ao mesmo tempo, teatral. As **Relações Internacionais** são constituídas por imagens e percepções, e a guerra é a continuação da política por outros meios, segundo **Clausewitz**. Com o fim da **Guerra Fria**, houve a ilusão de que os **EUA** haviam “vencido”, podendo reafirmar sua presença na região. Hoje, se verifica que suas iniciativas eram ações táticas, sem estratégia consistente, e no **Iraque**, **Síria** e **Afeganistão** houve derrotas, que levaram **Washington** a refluir da região para se concentrar contra a[**China**](https://www.ihu.unisinos.br/591857) (**Iniciativa do Pivô da Ásia**, Obama, 2011).

Criou-se um vazio de poder, sem a prioridade das grandes potências, levando as potências médias da região a disputar o espaço, por razões de segurança, despontando três países não árabes: **Israel**, **Turquia** e **Irã**. As Revoluções Coloridas da [Primavera Árabe](https://www.ihu.unisinos.br/552469) destruíram ou enfraqueceram os regimes progressistas, mas a presença econômica da **China** na região e militar da **Rússia** na **Síria** criaram uma nova realidade. Ou seja, cada tentativa de “finalizar a História” é sucedida por sua retomada em nível mais elevado.

***As Revoluções Coloridas da Primavera Árabe destruíram ou enfraqueceram os regimes progressistas, mas a presença econômica da China na região e militar da Rússia na Síria criaram uma nova realidade – Paulo Visentini***

**Brasil e uma tentativa mal calculada**

A tentativa mal calculada do **Brasil** de mediar a **questão nuclear iraniana** (um passo longo demais para o qual não tínhamos perna) nos gerou problemas políticos internos e diplomáticos, que ainda persistem. Então, vieram a pandemia e, na sequência, a **Guerra Russo-Ucraniana**, a qual fez emergir novos e inesperados alinhamentos na região, de efeitos planetários.

**IHU – Em que medida o conceito de terrorismo pode ou não nos auxiliar no entendimento do conflito entre Israel e o Hamas?**

**Paulo Visentini –** A dimensão teórico-metodológica nos ensina que um conceito que tudo explica, nada explica... O uso e abuso do conceito de **terrorismo** perturba a iniciativa dos estrategistas, assim como outros conceitos que se apoiam numa narrativa política manipulativa e sem concretude. Qualquer conflito **pós-Guerra Fria** gera narrativas desse tipo, levando a opinião pública e a academia a um estado de anomia, então tais conceitos perdem sua viabilidade política. Uma crise deleta a outra nas **redes sociais**, onde vegetam os zumbis do século XXI. Onde foi parar a análise acadêmico-científica objetiva?

***O uso e abuso do conceito de terrorismo perturba a iniciativa dos estrategistas, assim como outros conceitos que se apoiam numa narrativa política manipulativa e sem concretude – Paulo Visentini***

**IHU – Muitos analistas apontam que um caminho para a solução nos conflitos do Oriente Médio é a efetiva constituição do Estado palestino. O senhor concorda?**

**Paulo Visentini –** [Israel](https://www.ihu.unisinos.br/categorias/633831-a-psicopatia-de-israel-artigo-de-bifo-berardi), fundada predominantemente por **judeus asquenazes** (provenientes da **Europa**, especialmente após o **Holocausto**), tinha uma visão ocidental moderna, mas as sucessivas guerras provocaram a migração dos **judeus sefarditas** do **Oriente Médio** para o país, que nos anos 1970 alteraram a percepção israelense. E, depois, vieram os **soviéticos** de origem judaica.

Houve uma mudança demográfica e geracional, que provocou uma fratura cultural entre um grupo *light* e outro *hard*. Enquanto isso, a infindável [ocupação da Cisjordânia](https://www.ihu.unisinos.br/534919) e **Gaza** criava novas realidades, com a **Organização para a Libertação da Palestina – OLP** se moderando, as facções esquerdistas se dissolvendo e um movimento islâmico-radical (o **Hamas**) ganhando força e o controle de Gaza.

Honestamente, a maioria dos **Estados árabes e/ou muçulmanos** da área exploram politicamente a **questão palestina**, mas poucos realmente se importam. É por isso que a narrativa do **Hamas** se dirige à “rua árabe”, a opinião pública diluída pelos países da vizinhança. A reação da **Rússia** e as sanções contra ela tiveram efeito direto na região, com evoluções inesperadas: a mudança radical saudita (que normalizou relações com o **Irã**), o ingresso do **Egito**, do **Irã**, da **Arábia Saudita** e dos **Emirados Árabes Unidos** no [BRICS](https://www.ihu.unisinos.br/categorias/631815-novo-brics-explode-ordem-internacional-entrevista-com-jose-luis-fiori).

***A maioria dos Estados árabes e/ou muçulmanos da área exploram politicamente a questão palestina, mas poucos realmente se importam. É por isso que a narrativa do Hamas se dirige à “rua árabe”, a opinião pública diluída pelos países da vizinhança – Paulo Visentini***

**IMEC**

A reação da administração **Joe Biden**, presidente dos **EUA**, foi lançar no **G-20** o **IMEC** (corredor de desenvolvimento da Índia-península arábica-Jordânia-Israel-Europa), para cortar o **Corredor Norte-Sul Russo-Iraniano** e a **Rota Oceânica** (via Paquistão) **China-Oriente Médio** (OBOR).

Todos esses realinhamentos deixaram de lado duas questões: a **palestina** (que desapareceu da agenda) e a **israelense** (de que adianta ter relações com sauditas que se conectam com iranianos?). Então, veio a guerra do [partido Hamas com o Estado de Israel](https://www.ihu.unisinos.br/categorias/633134-irromperam-os-cavalos-do-apocalipse-a-guerra-hamas-israel-artigo-de-leonardo-boff), cujo governo se encontra em situação difícil internamente... Outro detalhe não menos relevante: **Israel** não é subordinado aos **EUA** e não pode ser ignorado, e **Biden** ficou em situação difícil com a guerra.

***Quanto a um Estado palestino, suas chances são improváveis, a não ser que ocorra uma mudança política em Israel – Paulo Visentini***

**Estado palestino**

Quanto a um **Estado palestino**, suas chances são improváveis, a não ser que ocorra uma mudança política em **Israel**. A Organização das Nações Unidas – **ONU** pouco pode fazer, e a estranha e contraditória lista de apoios, de um lado e de outro, está focada em problemas geopolíticos globais. Portanto, há muito a se refletir, com menos manipulação midiática emotiva.

**IHU – Vivemos tempos de guerras em série?**

**Paulo Visentini –** Estamos em situação semelhante à dos anos 1930: crise econômica desde 2008, pandemia que a agravou e empurrou para diante, com a saída natural da guerra. Tudo em um quadro de transição tecnológica, geopolítica, mudança climática, eliminação dos postos de emprego (produzindo “empreendedores uberizados”), movimentos políticos neoconservadores, degradação sociocultural no **Ocidente** e **ascensão no Oriente**.

[Donald Trump](https://www.ihu.unisinos.br/564193), ex-presidente dos EUA, mostrou o que os intelectuais não viam: a [globalização retrocede](https://www.ihu.unisinos.br/618766) frente à recuperação dos Estados nacionais como espaço econômico e civilizacional. Projeto de desenvolvimento, vontade política, lideranças qualificadas (que sentem o pulso da população, sem se apegar a narrativas esvaziadas), elevação da autoestima e coragem refletida estrategicamente estão fazendo o que o **neoliberalismo** considerava superado. Novas potências e projetos político-econômicos desejam ocupar uma posição também relevante na “ordem” mundial, mas os antigos poderes não lhes dão espaço e, então, a pressão aumenta e produz fraturas cada vez mais profundas.

***A crise econômica prévia, a pandemia e as guerras atuais são peças articuladas de uma mesma engrenagem, que pode, sim, evoluir para uma III Guerra Mundial – Paulo Visentini***

A crise econômica prévia, a pandemia e as guerras atuais são peças articuladas de uma mesma engrenagem, que pode, sim, evoluir para uma **III Guerra Mundial**, ainda que ela, provavelmente, venha a ser diferente das duas quentes [**I e II Guerras Mundiais**] e da fria anteriores.

**IHU – Eu gostaria de saber qual sua análise sobre a guerra na Ucrânia e quais os caminhos possíveis para cessar este conflito.**

**Paulo Visentini –** A [guerra russo-ucraniana](https://www.ihu.unisinos.br/631352) teve início em 2014, com a derrubada do governo ucraniano pela [Revolução Colorida Maidan](https://www.ihu.unisinos.br/noticias/528603-revolta-na-ucrania-o-relato-de-um-jesuita) (implantando um governo conservador), a reação de **Moscou** e das populações russófonas que perderam direitos constitucionais.

O problema da **Rússia** não é ter a **Organização do Tratado do Atlântico Norte – OTAN** na fronteira (o que já ocorre), mas o abandono dos tratados de armamentos estratégicos por parte dos governos **George** **Bush**, **Barack** **Obama**, **Trump** e **Biden**. Como reconheceram publicamente **Angela Merkel** [ex-chanceler alemã] e **François Hollande** [ex-presidente francês] em 2022, os [Acordos de Minsk](https://www.ihu.unisinos.br/630488) eram “apenas para dar tempo para os ucranianos serem preparados militarmente” (pela OTAN).

Em fins de 2021, tudo estava pronto para o ataque ucraniano visando recuperar o [Donbass](https://www.ihu.unisinos.br/626340) e a [Crimeia](https://www.ihu.unisinos.br/621242), o que geraria um ataque russo, o qual permitiria desencadear sanções Ocidentais. Elas quebrariam a economia russa e acabariam com o governo **Putin**. Era para ser uma guerra rápida e fácil, e o grande objetivo norte-americano era eliminar o projeto eurasiano implícito na cooperação entre a **União Europeia** industrial e os recursos minerais, energéticos e militares russos.

***A guerra [na Ucrânia] se transformou num atoleiro personalizado por um ex-humorista e um ex-oficial de inteligência – Paulo Visentini***

**A guerra virou um atoleiro**

A surpresa foi que a **Rússia**, que já estava sob sanções desde 2014, preparou sua economia industrial de consumo (substituição de importações), a militar de alta tecnologia (mísseis hipersônicos e munições), desenvolveu a agricultura e diversificou seu comércio exterior e finanças por oito anos. Como um bumerangue, as sanções se voltaram contra o **Ocidente**, a Rússia se manteve firme e os **países do Sul** se realinharam a ela.

A **OTAN** e a **União Europeia**estão enfraquecidas e a ação parte dos **Estados Unidos** e do **Reino Unido**, com seu [Brexit](https://www.ihu.unisinos.br/595268). A guerra se transformou num atoleiro personalizado por um ex-humorista (que vê seu país ser destruído) e um ex-oficial de inteligência (que luta o mínimo necessário, por mutáveis objetivos políticos). Uma guerra de trincheiras e drones, travada entre povos irmãos e mercenários de ambos os lados, segue, para que a Europa pague e os russos se desgastem.

Mas o problema é que o mundo mudou radicalmente devido à guerra. Todos têm uma explicação pronta sobre o mundo que vai nascer, mas que não está baseada na complexidade da grande humanidade e de seu pequeno planeta. Ainda vai haver mudança na mudança e precisamos de mais análises e menos narrativas politicamente corretas.

<https://www.ihu.unisinos.br/634131-a-tragica-e-teatral-guerra-no-oriente-medio-entrevista-especial-com-paulo-visentini>